

A NAVEGAÇÃO DAS MENSAGENS: INTERSECÇÕES CULTURAIS

Nádia Battella Gotlib
Universidade de São Paulo

Há exatamente doze anos atrás, nesta mesma Faculdade (em que tive a satisfação de trabalhar durante algum tempo), e por ocasião de um Congresso também da Abralic (o segundo Congresso – em cuja organização tive a satisfação de trabalhar na condição de Secretária da Abralic então presidida pela Profa. Eneida Maria de Moraes, tendo o Wander Melo Miranda como Tesoureiro), portanto, há doze anos atrás apresentei aqui um Projeto de Pesquisa que previa a edição de um diário de uma autora do século XIX.

Volto, hoje, para mostrar alguns resultados do trabalho, com o texto, enfim, em fase de preparação para publicação.

Minha intenção – além, naturalmente, de justificar a razão de tanto tempo dispensado a este trabalho, e de assim salvar a minha reputação de pesquisadora - é a de mostrar alguns núcleos de interesse de tal produção, na medida em que a autora, pelo menos aparentemente livre de qualquer pressão reflexiva de grande porte, ou mesmo de projetos de ordem estética de cuidadosos arranjos formais, e por injunção de uma linguagem despojada e aberta a registros diversificados, a autora, repito, acaba construindo um território híbrido, do ponto de vista do gênero narrativo – e instigante, do ponto de vista crítico.

Trata-se de um diário. Que é enviado a um destinatário como se fossem cartas. A distância pode ser considerada, pois, como o motivo propulsor da prática deste gênero epistolográfico, que segue a tradição: os agentes de tal escrita, sem a possibilidade do diálogo pela via da fala um diante do outro, procuram então, pela troca de papéis escritos, instaurar um espaço de comunicação, *conversa de longe*, tentando assim abreviar os milhares de quilômetros que os separam um do outro.

A correspondência nasce, pois, de uma falta. A falta da presença do outro. E tem um caráter de suplência. Tenta suprir ou pelo menos amenizar, amortecer, tal ausência. E justamente por esse fator, que implica estar o outro em lugar distante, ou em país distante, tendo em vista o deslocamento pela viagem, o gênero traz consigo uma indagação implícita: como este outro lugar ocupa espaço no território epistolográfico.

Conclui-se: a carta, por injunção das circunstâncias de seu próprio processo de gênese, traduz um contexto espacial também híbrido por natureza: remete sempre ao lugar onde se está - o do remetente - em função do outro, aquele ao qual se destina - o destinatário. Tal diálogo de espaços desdobra-se por sua vez em novo corpo textual equivalente sob a forma da resposta, que repete o esquema, e, assim, sucessivamente, em cadeia, que permanece enquanto dura, ou seja, até que tal corrente discursiva, por algum motivo, se rompa.

O que pretendo questionar, nesta breve exposição, é como esta mistura de espaços e de imagens em trânsito, levadas e trazidas, funciona no corpo do texto de uma determinada correspondência do século XIX. Pois tal como nos novíssimos tempos da net, que, penso eu, reinaugurou uma era de intensificação da prática diária da correspondência, mediada eletronicamente, tal escrita dos oitocentos, no entanto, construída a partir da detalhada marcação temporal do diário, estava sujeita ao martírio, ou ao encanto, da expectativa do próximo pacote que levaria o pacote para o destinatário, quando muitos dias, por vezes meses, e não minutos, separavam o envio de uma carta do recebimento de sua resposta.

Neste caso específico de que tratamos hoje, havia mais um detalhe: para selar a privacidade do circuito da comunicação, havia ainda a expectativa de se receber não só uma resposta, portanto, nova carta, que por acaso vinha também por vezes sob a forma de carta-diário, mas receber a própria carta antes escrita, remetida de volta ao autor, de posse novamente do que escrevera, o que parecia aplacar qualquer inquietação, seja por parte dele,

seja por parte dela, ambos assegurando-se mutuamente de que a carta-diário dele, ou dela, não seria mesmo lida por outros.

Mais um detalhe desta correspondência: ela trazia também, nessa volta, os comentários daquele que as recebia, e que os escrevia nas entrelinhas.

E a corrente por vezes continua ainda. Além do caráter de cartas que são diários, com marcação cronológica, dia-a-dia; e de cartas-diários que recebem no próprio corpo do texto da carta enviada, palavras que são micro-respostas aos assuntos enviados, há passagens em que a própria leitora da resposta já comentada escreve em seguida aos comentários recebidos, comentários dos comentários, prolongando esta conversa a dois – o que atesta que ela também se transforma em leitora da carta que escreveu e que lhe chega sob a forma de resposta comentada, leitora pelo menos - supõe-se – dos trechinhos em que ele havia li inserido suas considerações...

Estes últimos comentários, suponho que não foram novamente enviados e ficaram ali aconchegados no final de linha do trânsito da correspondência.

Poderíamos afirmar que a carta ganha novas e inusitadas configurações com tais intervenções, ou seja, quando comentada pelo destinatário, agora revertido em novo agente-autor, ainda que se esgueirando em garranchos a lápis e num tom de sem-compromisso – do tipo “idéias que me ocorrem a propósito do que você me diz...” – e funcionam como nós de sentido que explicitam, complementam e desdobram sugestões disseminadas ao longo dos discursos de ambos os envolvidos neste processo de comunicação.

Anunciadas algumas dessas particularidades, vamos ao que interessa: a identificação dos autores e dos espaços envolvidos neste processo, com alguns exemplos pontuais de tal prática discursiva.

Ela, a autora das cartas-diários, é uma baiana, que foi criada também em Paris, porque o pai, Visconde da Pedra Branca, era diplomata e para lá foi a serviço. Viveu alguns anos na Corte do Rio de Janeiro. Escreveu as tais cartas-diários, na grande maioria, de Paris - onde morou seus últimos 26 anos dentre os 75 que viveu. E endereçava suas cartas-diários para o Rio de Janeiro.

Ele, o leitor das cartas-diários, que é também autor que se manifesta explicitamente nas cartas enquanto leitor delas, escreve do Rio de Janeiro, onde as recebe.

Trata-se, pois, de um diálogo França/Brasil, em termos de circuito epistolográfico. Há outros circuitos, desde que escrevem – ou respondem – de outros espaços por ocasião de viagens ocasionais. Limito-me no entanto, para as considerações de hoje, a tal situação de escrita: ela, em Paris; ele, na Corte, no Rio de Janeiro.

O que gera uma outra questão que seria: como, educada também em Paris, vivendo tanto tempo em Paris, escrevendo de Paris, em alguns trechos, em português, noutros, e em grande parte, em francês, como este espaço interage com o seu espaço de brasileira baiana com passagem profissional – e sentimental – pelo Rio de Janeiro?

Porque ela, a autora, de nome Luísa Margarida Portugal de Barros, que se casou aos 21 anos com um francês, o conde de Barral, por isso ela também condessa de Barral, que teve dele um filho quando contava ela seus 38 anos, tem como traço de fisionomia pessoal a experiência de um culturalismo de pelo menos mão dupla, franco-brasileiro, que resulta numa peculiar combinação, em termos de experiência pessoal de escrita.

Ele, por sua vez, o destinatário, de nome Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, vulgo D. Pedro II, da dinastia dos Bragança, com ascendência dos Bourbon e Habsburgo, nasceu nos trópicos, viveu nos trópicos, a não ser seus últimos anos de vida, em exílio, na França, onde veio a falecer, aliás, pouco tempo depois da morte da condessa de Barral. (Ela, a 13 de janeiro; ele, a 5

de dezembro, do mesmo ano: 1891. D. Teresa Cristina havia morrido dois anos antes de D. Pedro, a 28 de dezembro de 1889, em Portugal).

É imensa a quantidade de cartas trocadas entre eles, além desta, que ora examinamos, sob a forma de diário. E além das eventuais, que trocaram oficialmente, como é o caso das escritas por ocasião da viagem do Imperador ao nordeste, estas, a propósito do trabalho da condessa, enquanto aia e preceptora das princesas Isabel e Leopoldina, trabalho que exerceu a convite do Imperador, fato que, aliás, os aproximou, em 1856, quando se muda para a Corte, contando já seus 40 anos - e o Imperador, 31, já que era nove anos mais novo que a condessa.

Detenho-me em alguns trechos de alguns dos 29 cadernos depositados na biblioteca do dr. José Mindlin, em São Paulo, por ele comprados de um dos descendentes da condessa. Os manuscritos, perfazendo um total de quase 4 mil laudas, constituem documento valioso do ponto de vista do discurso – enquanto soma de diferentes gêneros narrativos: carta, diário, notícia, relato policial, literatura de viagens, agenda, anotações soltas, listas - de pessoas, lugares, despesas, desenhos, autobiografia, crônica de costumes, variedades, faits-divers, história sentimental ou narrativa romanesca. E enquanto documentação em torno do modo de vida de uma mulher em Paris, nas décadas de 70 e 80 dos oitocentos, nas suas múltiplas implicações, tendo em vista as relações com o espaço local e o espaço de origem a que ela – e ele – estavam ligados: o Brasil.

O primeiro caderno inicia-se com a data de 7 de agosto de 1869 (cerca de 4 anos depois da chegada da condessa a Paris) e o último caderno, o 29, termina em 1º de maio de 1885, perfazendo um total de quase 16 anos de atividade de escrita. Ressalte-se que a prática das cartas (não deste diário) inicia-se tão logo a condessa embarca para Paris, após o casamento das princesas, fato que dispensou a sua atividade profissional: o embarque acontece, pois, depois de

nove anos de trabalho na Corte, em 1865 – dia do qual sempre há de se lembrar, conforme trecho do seu diário de 1870:

“Se reparei que você nem se lembrou mais da data da minha primeira partida do Rio, foi para ter direito de ralar com você também. Eu, que sempre sou acusada de não ser mais a mesma, nunca me esqueci desse dia fatal, 24 de março. Bem sei que todos os dias são o da separação na ausência.”

Este é o clima que impera no diário-carta, em que, ao longo da conversa de longe, a autora vai dando notícias do que vê, faz, sente, pensa, e também sugere, opina, aconselha, rala, agride, desculpa, agrada, lamenta, agradece, conta casos.

Para isso, parece manter-se sempre atenta ao que ocorre, com espírito de jornalista de plantão, de que não escapam nem notícias policiais, algumas, afetando a própria família Imperial. É o caso da notícia que sai na imprensa relatando o incêndio que houve numa casa nas imediações do Arco do Triunfo, casa da amante de um “príncipe estrangeiro” – trata-se do Príncipe de Joinville, cunhado de Pedro II, casado com sua Mana Chica, conforme expressão da própria Condessa - incêndio que queimou a mobília da casa e a bela barba do Príncipe...relata a notícia de jornal, em comentário irônico. A condessa cola o recorte da notícia na sua carta-diário e assim o envia ao Imperador.

Esta espécie de ‘colagem’ de textos vários inclui considerações sobre o seu próprio trabalho, que funciona, para a condessa, como instrumento de construção de uma consciência social – calcada na tão entranhada mistura de proprietária e de entusiasta do processo de emancipação dos escravos, tão patente na expressão “meus libertos”:

“(...) Offícios aprenderão todos os meus libertos logo que tiverem idade p.a isso e todos os meus muleques sempre assim forão criados - Eu era antigamente a mestra d’eschola e ainda hoje alguns de meus discipulos leem e escrevem soffrivelmente.”¹

Mas a consciência profissional alia-se a uma preocupação com certa autonomia pessoal, diante das suas obrigações e deveres. É o que comenta ao referir-se a dois períodos de sua atividade: aos 27 anos, como dama da d. Francisca, em Paris; e como preceptora das princesas Isabel e Leopoldina.

“Sempre precisei ser Eu, mesmo quando você prendeu minha vontade por meu coração a suas filhas e sua mana minha mocidade a dela por laço de flores.”

Não há, pois, simples notas ou notícias impessoais, mas um conjunto de informações filtradas por uma consciência crítica que permite inclusive o acesso, pelo leitor, à imagem que se construía do Brasil na Europa a partir da imprensa, em comentários que envolvem, **quase que concomitantemente** – e é isso que gostaria de realçar aqui hoje - posturas de ordem política e sutilezas de uma privacidade cultivada. É o caso de trecho em que trata da guerra do Paraguai e...em seguida, de certos hábitos do Imperador.

“O *Brazilian Time* que já li (...) dá a noticia de ter sido feito Marquez o Ozorio, de ter morrido ainda outro senador por Minas, um Torres e Martins, não pagar os dividendos do Paraguassú traimroad, e o peor de tudo - que Lopez está nos mattos com 5.000 homens e que se não foi feito prissonneiro é inteirame por culpa do Ministro da guerra que tem deixado o exercito morrer a fome etc E que está iminente a bancarota do Brazil. Enfim é uma meia folha cruel. quero crer que ha mta exageração mas lamento que essa folha se leia em Europa.

¹ Mantive a ortografia original, acrescentando sublinhados duplos para realçar algumas expressões. Os sublinhados simples são da própria Condessa de Barral.

Calúnia-nos muito porque não obteve continuação da subvenção²

Conversemos com sua pagina 5 –

Lopez s'est enfui aux Campos de Vacaria! Procurei Mappa e assusta ver qto são vastos esses Campos! o podessemos cercar pelo Paraná Alto? Tambem eu acho que o Principe não devia ter cahido no mesmo erro que o Caxias declarando a guerra acabada.”

E imediatamente após dar seus palpites na guerra, com sugestões de caráter estratégico, passa a falar da saúde do Imperador:

Vou vendo que sua saude tão boa tambem vae soffrendo alteração agora. Tome alguns purgantes qdo tem essa zuada nos ouvidos á força de sangue. V. está mto gordo, nada de graças. E não leia logo depois da comida, exercicio a pé. (...)”

“Não é deitado mas assentado

Meu querido amigo, V. passa a metade de sua vida deitado isso não pode nem deve **em cadeira de balanço onde passo muitas vezes bem accordado.**

ser bom p. sua saude. Nem tanta actividade como a minha, ~~nem~~ tanta indolencia como a sua. A cada instante V. vae p.a la chaise longue e está cahindo de somno? lembre-se do que lhe tenho ditto tantas vezes - Não seja mal ouvido -

V. é que deve ter dó de quem está ausente e tanto lhe quer.”

E chegamos então ao terceiro tipo de diálogo encontrado no diário, em que há não só a escrita dela, com comentário dele, mas intervenção dela, depois da dele:

“Queira de uma vez se contentar de minha leal amizade e se esqueça de tudo mais, e seremos muito felizes. Ajuntaremos a mais rara afeição e estima de nós mesmos e o respeito de nossos filhos e seremos dignos um do outro. Diga se essa não tem sido a minha linguagem há muitos anos?

² A intervenção do Imperador segue em negrito.

Ele acrescenta: “*Há muitos anos, não.*”

E ela faz uma intervenção da intervenção: “*Ora se há muitos anos!*”³

“Quem lhe deu semelhante gênio? Não só leva causticando a si mesmo como martirizando os outros. (...) Você sabe ser muito amável quando quer. Largue esse tom de reproche que só me ennuye e gozemos de nossa verdadeira amizade de quem nem você nem eu duvidamos.”

E quando a saudade baixa, também não esconde palavras para manifestar seus sentimentos, nestes diários, lembrando que “os diários são necessariamente mais cartas”. E afirma:

“(...) e eu recebo meu querido pacote que vae ficando cada vez mais exíguo, mas eu não peso nem nesso a amizade na balança nem ao covado - Meu amigo manda o que pode e o mais ou menos é um insignificante detalhe p.a mim - As vezes uma palavrinha só vale volumes - Seu diario revela lassidão e quebramento de forças e de energia.

Sinto isso profundamente - Se V. já vae perdendo de sua actividade e de sua energia qto mais eu pobre velhinha.

(...)eu ainda vejo alguns caracteres com os olhos do meu coração grato e mto seu Não mudei não meu amigo, e Pariz não teve a menor influencia sobre meus sentimentos e meu filho cresce e eu minguei, nada mais!”

Nada, no texto da condessa, tem a força da intriga amorosa, que, por princípio, sustenta o próprio ato de corresponder-se, responsável pelo *caráter romanesco* da narrativa, calcada nas relações afetivas e sentimentais, em torno das quais tudo parece existir.

³ Os comentários, segundo tudo indica, feitos pela própria Condessa de Barral, aparecem registrados em itálico e negrito.

O encanto da leitura está em acompanhar este ‘romance’ determinando-lhe os elementos operacionais: meias palavras, sugestões, alusões, rememorações, confissões, declarações de sentimentos de amizade, de amor, de fidelidade, de raiva, de indignação, de perseverança na troca da correspondência que aí se impõe quase como um instrumento de sobrevivência afetiva.

Que se estende, contudo, para além da autobiografia sentimental, na medida em que, pela via de uma visão apaixonada, mas também firme, esperta e ousada, a autora tem, como foco, não apenas a figura do Pedro, o homem, o amigo, o amado, mas do D. Pedro II, funcionalmente inserido no contexto de um sistema social e político de Segundo Império. Pois ele, para ela, era, de certa forma, uma configuração de Brasil. E a imagem que dele construiu mantém essa saudável agudeza de foco: ela o vê de longe, mas de perto, como objeto de amor, e de ódio, amado, e meio capenga no seu cansaço, desgaste, preguiça, equívocos de ordem estratégica e política.

O que prova que o amor nem sempre é cego.

E que mesmo assim permanece na “rimembrancha”, em tempos de ausência.